

## **A IMPORTÂNCIA DOS COLECIONADORES DE ARTE PARA A MUSEOLOGIA. UM ESTUDO DE CASO: EVA KLABIN RAPAPORT**

Diogo Corrêa Maia  
Fundação Eva Klabin Rapaport

A prática do colecionismo existe há muito tempo; é uma tradição que vem dos povos da Antigüidade, como por exemplo da civilização grega, principalmente durante o período helenístico, quando se firmou o gosto pela arte e pela coleção artística. Em Roma, a prática colecionista se expandiu, principalmente por conta do aparato estatal que utilizava a imagem como meio de propaganda. As coleções eram formadas a partir de espólios de guerra e de apropriações das riquezas dos inimigos derrotados.

Essa acumulação de riquezas e bens artísticos continuou durante a Idade Média, onde a nobreza e a igreja continuaram a colecionar arte como forma de ostentação de poder. Porém essas coleções não eram consideradas parte de um patrimônio coletivo.

A prática colecionista que conhecemos hoje tem origem no século XVIII, baseadas nos ideais do iluminismo europeu, que teve origem a partir de uma ideologia desenvolvida pela burguesia, que era contrária aos valores do Antigo Regime, no qual o Estado e a Igreja intervinham na consciência individual das pessoas. Segundo os valores iluministas, houve uma busca pelas explicações racionais do mundo, assim como o resgate dos valores da Antigüidade. Começam a surgir, então, os Gabinetes de Curiosidades, locais onde eram reunidas antigüidades clássicas e curiosidades naturais, como fósseis e corais, além de objetos etnográficos recolhidos por viajantes.

A idéia de museu, como conhecido hoje, surgiu a partir do renascimento, e os ideais iluministas, somados à Revolução Francesa, acarretaram no conceito de patrimônio nacional, que tinha como função a criação de uma imagem do passado nacional.

Com esta revolução, em 1789, com o confisco dos bens da igreja no mesmo ano e, posteriormente, em 1792, da nobreza e da coroa, foi dado um grande passo para que coleções particulares se tornassem públicas. Pode-se perceber que grande parte dos acervos de importantes museus europeus veio de coleções particulares de nobres, após o processo de nacionalização de seus bens. É o caso do Museu do Louvre, na França, que recebeu parte dessas coleções confiscadas da Igreja e da aristocracia, e do Hermitage, na Rússia, que recebeu as obras de arte colecionadas pelos czares ao longo do tempo.

A importância dos colecionadores para a Museologia torna-se ainda maior após esse estágio de nacionalização de coleções confiscadas, pois, com a criação dos museus estatais, tornou-se comum a doação voluntária de coleções para o Estado. A figura do doador passa a estar atrelada à própria coleção. Colecionador e coleção passam a ser um só, tornando a admiração pelos objetos um ato de admiração pelo colecionador.

Outro fenômeno que ocorre entre os colecionadores que já haviam superado o estágio de curiosidade ou raridade era que abrissem o espaço de guarda de suas coleções para o público, com a finalidade de divulgar suas coleções. Em alguns casos, coleções inteiras, incluindo o espaço físico onde se encontravam, foram incorporadas ao Estado. Na maioria das vezes, é utilizada a antiga residência do próprio colecionador, surgindo, assim, o museu-casa, que geralmente leva o nome do proprietário da coleção.

Os museus-casa são instituições que visam, através de seus testemunhos preservados e pesquisados, comunicar com muita particularidade a organização social, política, econômica e cultural de um segmento da sociedade em determinada época, isto é, eles abrigam uma coleção ou exposição referente a um certo tema e podem localizar-se ou não em edifícios históricos. Segundo S. Butcher-Young (apud HORTA; 2002, p. 24), há três categorias para se classificar um museu-casa: **museu-casa documental**, que conta a vida de um personagem ou lugar de interesse histórico ou cultural, no qual o ambiente deve conter os objetos originais; **museu-casa representativo**, que documenta um estilo, uma época ou um modo de vida, sendo que nessa tipologia o cenário pode ser reconstituído usando itens que não são os originais, podendo estes serem cópias ou peças que não pertenceram à casa; e **museu-casa estético**, que são lugares onde coleções privadas são expostas e que não têm nenhuma relação com a casa em si, sua história ou de seus ocupantes. Estabelecendo uma relação com a Fundação Eva Klabin, esta se enquadraria nesta categoria na medida em que a Coleção Eva Klabin possui um valor artístico independente da sua colecionadora, ou seja, sua coleção poderia estar exposta em qualquer museu ou galeria de arte. Entretanto, sob outra perspectiva, o acervo, a casa e a colecionadora estão intimamente relacionados, sendo bastante difícil compreender um sem o outro. A exemplo, pode-se citar sua própria residência, que possui uma estreita vinculação com as obras, já que esta passou por uma grande reforma em função da existência e da necessidade de exposição das peças.

Uma das primeiras coleções particulares que se tornou pública através da musealização de seu espaço, sem ajuda governamental, foi a coleção de Raymundo Ottoni de Castro Maya, que em 1964 passou a receber visitantes aos domingos em sua residência localizada no Alto da Boa Vista, na Estrada do Açude. Castro Maya doou esta residência para sua Fundação que já havia sido criada pouco tempo antes e, assim, foi inaugurado o Museu do Açude. Anos depois, sua outra residência, localizada em Santa Teresa, também foi doada à Fundação, constituindo o atual Museu da Chácara do Céu. Após crises financeiras, a Fundação Castro Maya foi incorporada à União e, hoje, está sob responsabilidade do IPHAN. Ela tem como objetivo, segundo palavras do próprio, em 1965, promover e divulgar atividades de caráter artístico e cultural, quer pela criação de museus e exposições, quer pelo intermédio da instituição de concursos, bolsas de estudos ou prêmios, ou práticas de igual caráter.

Seguindo a mesma linha, Eva Klabin também transforma sua residência em sede de uma fundação. Apesar das diferenças entre as duas coleções, ambas se assemelham, assim como várias outras fundações e museus-casa criados a partir da década de sessenta. Tais coleções particulares, ao serem abertas ao público em seu local original de guarda, além de proporcionarem ao visitante a oportunidade de um contato mais próximo com a arte, propiciam também contato com um determinado estilo de vida. E, na maioria das vezes, o estilo de vida e as vivências do colecionador influenciaram totalmente a formação do acervo. É o caso da Coleção de Eva Klabin que foi educada na Europa, em contato com a arte e a burguesia européia das primeiras décadas do século XX; burguesia esta que, para demonstrar status, colecionava obras de arte, ainda sob influência dos colecionadores do século XIX. Pode-se dizer que Eva Klabin, em plena segunda metade do século XX, formou uma coleção aos moldes europeus do século XIX. Os colecionadores brasileiros do final do século XIX e início do século XX acompanhavam as tendências internacionais, possivelmente por causa das longas viagens, além da experiência de aquisição das obras de arte no mercado europeu.

Estabelecendo uma comparação com outra coleção do início do século XX, a coleção de Luiz de Resende – joalheiro do Rio de Janeiro que passava longas temporadas em Paris cuidando de sua produção –, pode-se observar uma grande semelhança com a coleção de Eva. Em ambos os casos, a coleção foi confeccionada nos moldes europeus. A de José de Resende, que foi a leilão no ano de 1937, também era composta por objetos decorativos como porcelanas, cristais, prataria e jóias, além de pintura a

óleo, gravuras e objetos de culturas orientais. Além disso, pode-se observar o gosto destes colecionadores, como de muitos outros, por livros sobre arte.

Neste sentido, nota-se o caráter sistemático dos colecionadores brasileiros, fortemente influenciados pelo gosto europeu. A exemplo, diversas coleções de pintura deste período são compostas por núcleos, como os de escolas (italiana, francesa, Inglesa, flamenga e holandesa entre outras). Outra semelhança nas coleções de pintura encontra-se na reunião de artistas do século XVII das escolas holandesa ou flamenga, de artistas do século XVIII da escola Inglesa e de artistas do século XIX da escola francesa. A Coleção Eva Klabin se enquadra perfeitamente nesse modelo de aquisição.

Com o passar dos anos, é notório nas coleções particulares um maior interesse pela arte nacional, inicialmente valorizando, sobretudo, a arte barroca colonial, e, posteriormente, a arte nacional acadêmica, chegando à arte moderna. Assim, tais colecionadores exercem o papel de guardiões da arte nacional, financiando também a produção emergente brasileira. É o caso de Gilberto Chateaubriand, um dos principais colecionadores de arte brasileira, que faz parte do conselho de curadores da Fundação Eva Klabin.

De modo geral, os colecionadores iniciam suas coleções por prazer próprio, para demonstrar certo status na sociedade, ou até por investimento. Na maioria dos casos, apenas após longos anos colecionando é que surge a vontade de tornar pública sua coleção, seja através de doação a museus ou através de fundações particulares. Em muitos casos, o ato da doação é um ato de pura vaidade, pois o nome do colecionador será eternizado em um museu através de sua coleção doada, tornando a admiração da coleção a própria admiração do colecionador.

Em suma, seja por vaidade, seja por um desejo de não permitir a dissolução de um patrimônio reunido durante uma vida inteira, ou seja por um gesto generoso de querer dividir seu prazer estético com outras pessoas, os colecionadores são indivíduos de grande importância no que concerne à guarda da memória. Isto porque, como bem explica Pierre Nora (1993, p. 7-28), a sociedade atual, caracterizada pela mundialização, massificação e mediatização, necessita de redutos de memória porque esta não existe mais; o que existe hoje é a história, o único meio de memória conhecido pela sociedade contemporânea. Tal assertiva explica-se pelo fato da memória ser viva, estar sempre em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável

a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (p. 9), e a história, por sua vez, ser sempre a reconstrução problemática e incompleta do que não existe, a própria representação do passado. Em outras palavras, se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história (p. 8).

Em termos de Coleção Eva Klabin, este pensamento fica ainda mais claro. Existe na coleção grande número de peças arqueológicas adquiridas pela colecionadora, dentre elas algumas egípcias, gregas e romanas. Como é notório, tais civilizações não mais existem, o que significa dizer que existem poucas lembranças vivas, ou seja, uma memória destas culturas. Elas, atualmente, só podem ser conhecidas através da História, a única capaz de, a partir de vestígios do passado (fontes, objetos, relatos), reconstruir a cultura de povos já extintos. Neste sentido, os colecionadores que se preocuparam, seja porque motivo foi, em reunir e preservar estes vestígios, possibilitaram a reconstrução desse passado, transformando suas casas em lugares de memória, ou melhor, em lugares de história.

A Coleção Eva Klabin é fruto, primeiro, da educação nos moldes europeus que a colecionadora vivenciou e que despertou nela gosto e sensibilidade artística, e, segundo, pelo processo de industrialização, iniciado durante o governo Vargas, possibilitou à família Klabin, e, conseqüentemente, a Eva, o poder aquisitivo sem o qual a coleção não poderia ser adquirida.

Após se fixar em São Paulo, no final do século XIX, a família Klabin passa a fazer parte de uma alta burguesia, através da próspera produção de papel de sua indústria. Assim, Eva Klabin, filha de um dos sócios fundadores da Klabin, cresce rodeada por arte, tanto aqui no Brasil – onde conviveu com Lasar Segall, casado com sua prima Jenny Klabin e com o arquiteto Warchavchik, casado com Mina Klabin, também sua prima –, quanto na Europa, local no qual Eva termina seus estudos e entra em contato com o estilo de coleções particulares que influenciaria na elaboração da sua.

Apesar de adquirir peças desde a adolescência, somente na década de sessenta é que sua coleção realmente cresce e toma a configuração atual. É também neste período que a vontade de criar uma fundação que levaria seu nome começa a sair do papel, principalmente com adaptações que Eva realiza em sua casa para melhor abrigar e expor sua peças.

A Fundação Eva Klabin Rapaport, oficializada juridicamente apenas em 1990, tem como finalidade divulgar a coleção para o público em geral, além de preservar a memória de sua mentora e de inúmeras culturas.

Além disso, a partir de comparações com outras coleções particulares, nota-se a clara influência das coleções européias do século XIX, modelo este que foi muito copiado no Brasil no final do mesmo século e início do seguinte. Também por influência de colecionadores europeus, o ato de doação, ou de tornar pública suas coleções, passa a ser corrente no Brasil. Neste sentido, as coleções, antes restritas aos seus patronos e a indivíduos próximos a eles, podem, então, ser apreciadas e estudadas por todo aquele que quiser conhecê-la. Assim, os colecionadores de arte começam a adquirir uma importância fundamental para a Museologia, principalmente em relação à guarda da memória e ao fornecimento de material para a reconstrução da história.

Apesar das semelhanças com outras coleções, a Coleção Eva Klabin possui algumas peculiaridades como, por exemplo, a sua idealização, a partir de um desejo de torná-la pública desde muito cedo. E, principalmente, a especificidade de possuir uma preocupação com o social muito forte, esta facilmente observada nas visitas guiadas, as quais assim o são por uma exigência da colecionadora, que buscava, além de uma simples imortalização de seu nome, uma relação muito mais estreita entre sua vida, a coleção e os visitantes.

A Coleção Eva Klabin é uma das mais importantes do Brasil, possuindo cerca de duas mil peças inventariadas, as quais abrangem um período de mais de cinco mil anos, com peças que vão desde o Antigo Egito, passando pelo Renascimento Italiano, até o Impressionismo e a primeira metade do século XX.

Esta coleção, majoritariamente, é constituída por peças européias, sua principal característica, pois, como já mencionado anteriormente, Eva recebera uma educação européia e crescera cercada pela arte daquele continente. Entretanto, sua coleção também destaca obras de arte de outros continentes, a saber: a Ásia, representada por tapetes orientais, peças chinesas, islâmicas e do sudeste asiático; a África, pelo Antigo Egito; e a América, pelas civilizações pré-colombianas. No que tange à coleção egípcia, encontram-se peças datadas desde o Período Tinita (cerca de 2900 a.C.) até o Período Romano (cerca do século III d.C.). Em relação à coleção pré-colombiana, esta é composta, sobretudo, por peças das civilizações peruanas Nazca e Chimu e peças mexicanas, bolivianas e equatorianas. No que concerne à coleção oriental, ela é constituída por peças da Birmânia,

Tailândia, Índia, Camboja, Tibete, Indonésia e Japão. Mas, sobretudo, tal coleção é caracterizada pela arte chinesa, tanto de períodos mais remotos, como o das Dinastias Shang (1557-1050 a.C.) e Chou (1049-220 a.C.), quanto de tempos mais recentes, como o das Dinastias Ming (1368-1644) e Qing (1644-1912).

A Coleção apresenta, ainda, outros segmentos bastante significativos, tais como: a coleção greco-romana, composta pelo conjunto de Tânagras, vidros romanos, esculturas em mármore gregas, vasos, moedas e bronzes; a coleção inglesa, constituída, principalmente, por pinturas de artistas renomados da segunda metade do século XVIII, por valioso acervo de prataria (séculos XVII ao XIX) e por peças de mobiliário; a coleção francesa, que reúne pinturas, dentre as quais a que mais se destaca é um óleo sobre tela do impressionista Camille Pissarro, peças em esmalte de Limoges, um desenho de Fragonard, relógios dos séculos XVIII e XIX e alguns outros objetos representativos como estatuetas e mobiliário; a importante coleção italiana, que abriga grandes nomes de sua arte – Tintoretto, Família Della Robbia e Bernardo Strozzi –, além de outras atribuições a Botticelli, Ghiberti e Donatello; a coleção flamenga e holandesa, com artistas renascentistas – Jan Provost e Adriaen Isenbrant – e outros do século XVII – Govaert Flinck, Gérard Ter Borch e Hercules Seghers, além de três gravuras de Rembrandt; e alguns poucos exemplares da arte brasileira, como um óleo sobre tela e um desenho de Eva aos quatro anos do expressionista Lasar Segall. Este, também de origem lituana, mantinha estreita relação com Eva por ter sido casado com sua prima, Jenny Klabin.

## Bibliografia

### Obras Gerais:

BANN, Stephen. Introdução; as invenções da história. In: As invenções da história; ensaios sobre a representação do passado. São Paulo, Ed. UNESP, 1994.

CONY, Carlos Heitor & LAMARÃO, Sergio. Wolff Klabin; a trajetória de um pioneiro. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo. São Paulo: Editora Saraiva, 1994. p. 243-247.

HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela Memória. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. 115 p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História; a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, PUC-SP, dez./1993.

Anais:

ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. O “Colecionismo Ilustrado” na Gênese dos Museus Contemporâneos. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, MHN – IPHAN-MinC, v. 33, 2001.

KNAUSS, Paulo. O Cavalete e a Paleta; arte e prática de colecionar no Brasil. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, MHN – IPHAN-MinC, v. 33, 2001.

Seminários:

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. A Casa Geyer; a preparação de um futuro museu-casa, ou de uma casa-museu... In: Jornada Museológica; notícias sobre museus-casas. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 21-29.